

A Carestia da Vida

Não é sómente nas cidades, como muita gente julgará, que a maldita carestia da vida se vai acentuando assustadoramente, inquietantemente, não é; as suas garras sinistras e aduncas, já agora desenfreadamente as vai estendendo impunemente por toda a parte, de modo que hoje, com aquela ferocidade louca de quem tem a protecção de cima, da gente sem vergonha e sem pundonor, tem quase toda a classe produtora amarfanhada pelas suas garras endiabradas, como que procurando estrangula-la de um momento para o outro.

A imprensa mercantilista e postituta, por sua vez, num enervante laconismo, nada mais faz do que inserir regosijadamente o desenrolar trágico das lutas encarnicadas e sangrentas da guerra maldita, a que espiritos cruéis e levianos tem tido o desplante inaudito de chamar «guerra de libertação»; a carestia da vida, as precárias e críticas circunstâncias, a fome negra e terrível em que os trabalhadores se debatem numa luta aberta e não menos fratricida que a da guerra maldita, porque é a sua resultante, porque é o fruto amargoso de tal semente,—esta, a carestia da vida, passa-a para um plano secundário, põe na mesmo de banda como se nenhum valor tivesse, como se tudo corresse no melhor dos mundos, o que denota a mancomunidade criminosa dessa imprensa postituta com os gananciosos e assassinos, que nenhum pejo tem em fazer a apalogia daquelas horridas e tristíssimas pelejas em que se degladiam a mocidade em flôr de todos os povos em luta, numa chacina ignobil e sem nome.

E porque assim é, é preciso, e já, que a massa trabalhadora que dorme o sono da morte, desperte e se levante como uma onda indomável, e ponha um sólido freio aos gananciosos destemidos que por aí pululam como cogumelos, ou subverta, num instante, todos os seus carrascos; isto se os trabalhadores não quiserem cair no abismo da miséria mais pungente e insuportável, que ora se nos avizinha, ameaçadora e desesperada.

Senão, vejâmos!... No decorrer de todos os tempos, a Historia dá-nos a vibrante e eloquentíssima lição de que não é nem pode ser com protestos platónicos, e muito menos com petições submissas e humildantes; que os oprimidos e esfaimados tem melhorado as suas criticas circunstancias, que os trabalhadores tem conseguido levantar, um tanto mais, o nível das suas aspirações, que o mesmo é dizer em relativo bem-estar e melhorar um pouco as suas tristes condições de vida, até que um dia consiga rasgar por completo o manto negro da tirania, desanuviando esta atmosfera odienta que mais e mais se respira hoje, limpando este ambiente venenoso e pestilento resultante desta sociedade putrefacta e atordoadas.

Assim, trabalhadores, se vos mantiverdes nesta apatia criminosa, qual é a de deixardes com passividade que os gananciosos façam tudo quanto lhes dê na gana, sereis também coniventes neste desabar tremendo da miséria e do crime, sereis os coveiros de vós próprios, deixando que a fome, de mãos dadas com a tuberculose e a morte, corram para vós a todo o vapor, com aquela attitude, implacavelmente esmagadora que lhes é peculiar.

O presente estado de cousas não se pode sustentar; e os trabalhadores, se quiserem satisfazer plena e integralmente todas as suas necessidades mais inadiáveis e os consequentes gosos, não tem que olhar para trás na marcha triunphante que se propozeram encetar, no campo social, porque o seu papel é avançar e avançar violentamente se tanto for preciso. A fome é negra, e por conseguinte não ha nem pode haver barreiras que lhe sejam inexpugnáveis.

Os trabalhadores do Porto, num rasgo indómito e potente, daqueles rasgos que costuma ter o velho leão que fareja perto o inimigo, os trabalhadores do Porto já nos in-

dicaram o caminho a seguir, desbravando-o com a sua voz, com a sua acção directa e até com o seu sangue generoso, num belo e inolvidável dia em que a castela gananciosa procurava que este país de aventureiros sem escrúpulos, se transformasse o mais breve possível numa floresta de feras humanas, para que dentro dela—ou eles ou ninguém. E esse rasgo é preciso continua-lo.

(Portalegre)

Abel Sequeira de Paiva.

Em Lisboa

Com grande concorrência realizou-se no pretérito domingo, promovida pelo Nucleo Juventude Libertária, mais uma sessão de protesto, da serie que esta organização se propoz levar a efeito; foi na sede da Associação dos Tintureiros, que esta sessão teve lugar, achando-se a casa completamente cheia, o que demonstra o interesse que a classe trabalhadora vem dedicando a tão importante assunto. Falaram os camaradas, David Augusto, Carlos Anhão, Artur Figueira, Antonio da Fonseca, Joaquim Gonçalves, Manuel de Abreu e Fernando Gomes, que em frase enérgica censuraram os açambarcadores dos generos, pela sua insaciável ganancia e as autoridades e governo por não porem um freio aos seus desalmados instintos de rapina; analisaram as causas da actual situação económica e social e incitaram o povo a entrar numa enérgica e decisiva acção, imputando áqueles que nos exploram as responsabilidades da excitação que vem lavrando nas classes proletárias e que poderá determinar funestíssimas consequências; disseram ao povo que se emancipe da turba de charlatães que o procura desviar do caminho da sua integral libertação, que só será consubstanciada numa sociedade futura, onde cessem as desigualdades que constantemente presenciámos e de que somos as unicas vítimas.

Por unanimidade foi aprovada uma moção, apresentada pelo Nucleo promotor.

Na última quarta-feira ainda a Juventude Libertária promoveu, na Secção da Construção Civil de Belem nova sessão de protesto, sendo a assistência bastante numerosa.

Nesta reunião falaram entre outros os camaradas Artur Figueira, Manuel Campos, Adolfo Nunes, Carlos Anhão e Bernardino dos Santos, que tiveram duas palavras contra os exploradores do povo e mostraram a necessidade da classe produtora se unir, agindo a valer num conjugamento de esforços, para que termina a precária situação que a vitima, não esperando medidas de salvação publica do governo ou quaisquer entidades, mas confiando só na sua decidida attitude.

Este Nucleo fez propensamente distribuir um violento manifesto, convidando o elemento obreiro a reunir no comício publico que hoje se efectua, levantando assim o seu protesto contra a monstruosa especulação que nos vem esmagando.

Na Povoia de Varzim

Juntamente com os delegados das Associações de Vila do Conde, reuniu o comité da Povoia de Varzim, e resolveu realizar hoje um comício publico e distribuir um manifesto.

Rematando o prégo

O nosso colega *Germinal*, no seu último numero, pondo fim á discussão azeda que levantou, diz-nos: «Fique-se ela (*A Aurora*) com as suas injúrias, a sua guerra a camaradas, que nós ficamos com o pesar de ter perdido tempo a responder ás suas provocações e ataques.»

Quando acabamos de ler este pedacinho veio-nos logo á mente aquela célebre historia da prostituta que, no meio duma altercação com uma donzela, lhe começou a chamar... meretriz. Perguntando-lhe alguém porque fizera isso, respondeu:

—Chamei-lhe aquilo em antes que ela me chamasse...

«A Aurora», na provincia

Salir (Algarve)—Por certo que nas aldeias e povoações rurais, campeia com mais intensidade a ignorancia devido á instrucção não ser ministrada tão profusamente como nas vilas ou cidades. Apesar disso ha terrinhas que tem uma acentuada tendencia para a illustração e marcham, quase a par dos grandes centros. Outras ha que ficam estacionárias, indiferentes a tudo que seja progresso e civilização, e odiando, quem, pelos seus esforços e pela sua tenacidade tenha adquirido alguns conhecimentos acima dos seus conterraneos. No número destas podemos, sem receio de desmentido, contar Salir como uma das mais atrasadas, e, por consequencia, onde se encontra maior porção de reaccionários.

Aqui, pode dizer-se, é por todos repudiado todo o ideal de liberdade e de independencia, não havendo a minima solidariedade entre as classes trabalhadoras. Sobre politica são quase todos indiferentes; e se alguma vez, por ocasião de eleições se mexem mais, é fiados nos promettimentos de politicos de fóra, que só se lembram desta maldadada terra simplesmente para a explorarem... Combater tudo isto, mostrar ao povo quais os seus deveres e quais os seus direitos, tal será o objectivo destas correspondencias.—Ramos Teixeira.

Evora—Vindo de Setúbal, tem estado nesta cidade o camarada Rafael Rueda. O nosso camarada que tinha a intenção de se demorar algum tempo entre nós, foi forçado a abandonar-nos para não ser vítima duma cilada preparada pelos notáveis Antonio Moura e Joaquim da Silva, mais conhecido pelo *Joaquim de Lisboa*. Estes delatores e mais alguns são a vergonha da classe corticeira nesta cidade.

Durante os poucos dias que o camarada Rueda esteve entre nós, realizou conferencias nas associações de classes dos Trabalhadores Rurais, Pedreiros, Construtores, Corticeiros e Juventude Sindicalista, sobre o tema: *O operariado e a guerra; Sindicalismo reformista e sindicalismo revolucionário; O século parlamentarista; o movimento operario e as suas infinidades*. Estas conferencias foram bastante concorridas, não havendo nada de anormal até á que se realizou nos Corticeiros. Depois desta conferencia, á qual assistiram, Antonio Moura & C., os quais não tiveram coragem, ou por outra, argumentos para contraditarem o nosso camarada, tiveram pelo contrario, a hipocrisia de, particularmente, elogiarem o seu trabalho. Mas como dizia, após a conferencia nos corticeiros, começaram a turvar-se os ares, a ponto de sermos informados que contra o camarada Rueda havia mandado de captura... Então desconfiamos logo que a *formiga branca* (tambem a há por cá) capitaneada pelo Moura puzesse em acção a sua obra nefasta, o que obrigou Rueda a retirar daqui.

Depois da retirada dele soubemos que o Antonio Moura e o seu acólito Joaquim de Lisboa disseram no Centro Republicano Democrático, que era preciso fazer desaparecer certo génio, que andava envenenado com as suas doutrinas as classes trabalhadoras, e que todo o operário que não estava filiado nos centros politicos. Não queria saber da questão operaria nem era operario! Por hoje fica por aqui.—Alvaro J. Dinis.

VIDA SINDICAL

Nucleo Juventude Sindicalista (Povoia de Varzim)—Reuniu no dia 22. Lida e aprovada a acta da sessão anterior. Do expediente constava: um officio do *Despertar*, inteirado; um programa da J. S. do Porto, tomado em consideração; dois exemplares de *A Aurora* e tres do *Germinal*, resolvido archivar. Ordem da noite: a comissão de contas do mês de dezembro apresenta os seus trabalhos, que foram aprovados. Tambem se aprovaram quatro propostas de sócios. Resolvido mudar para a nova sede e oferecer as salas ás associações dos sapateiros e alfaiates, e officiar áqueles agradecendo-lhes a solidariedade que prestaram ao Nucleo.

União Operaria Nacional, Secção do Norte—Na última reunião da comissão administrativa deste organismo regional, tomou-se conhecimento dum officio da A. dos Pedreiros e Carpinteiros Civis da Figueira da Foz, dando parte de que se encontravam em luta com o grémio dos mestres, por estes terem faltado ao compromisso tomado sobre o horário de trabalho, que é de 8 horas de inverno e 10 horas de verão. No mesmo officio pediam para lhe enviarem um delegado com o fim de fazer ali uma conferencia. Concedido, sendo nomeado o camarada Manoel J. de Souza, o qual aproveitará a ocasião para fazer, na volta, uma conferencia em Coimbra e outra em Aveiro.

Receberam-se as adesões das Associações dos Tamanqueiros do Porto e Textis de Guimarães.

Uma circular da União 1.º de Maio, baixou ao Conselho Central. Sobre um convite do N. J. S. do Porto, pedindo representantes para a festa do seu primeiro anniversário, nomearam-se dois camaradas.

Officio da Federação dos Caixeiros, Zona-Norte, inteirado. —A reunião do Conselho Cen-

tral realiza-se amanhã pelas 20 e meia horas. Hivendo assuntos de grande importancia para resolver, espera-se que não falte nenhum delegado.

Latoeiros e Picheiros—A direcção desta colectividade, participa a todas as associações de classe que pode alugar algumas salas para as suas sedes, na rua dos Lavadouros, 24-A. 3.º, onde se encontram já instaladas as sedes dos Guardasoleiros, Refinadores, Polidores de Moveis e Cordoeiros. Esclarecimentos das 20 ás 22 horas.

Tecelões mecânicos, no Porto—Reuniu a direcção desta colectividade. Acta aprovada. Lido o mappa da receita e despesa do mês de janeiro, ficou á disposição dos sócios para o examinarem. Nomeado um delegado para representar a associação na sessão solene d. A. das 4 artes da construção civil, e tomado em consideração um officio da U. 1.º de maio. A discussão do novo projecto da organização da classe ficou para a sessão próxima, em vista de terem falta do tres membros da direcção.

Manufactureiros de calçado (Lisboa)—Reuniu a comissão de auxilio ao camarada Matias Vera Junior. O dinheiro receiido até á data para este camarada, prefês a quantia de 12096,5. Hoje reúne em assembleia geral ás 19 horas.

Nucleo Juventude Sindicalista (Porto) — Reunião geral. Convidam-se todos os sócios deste Nucleo a comparecerem á reunião geral que se realiza no próximo domingo, 6 de Março, pelas 10 e meia horas, na sua sede, á rua Formosa, 242-3.º.

União dos Sindicatos Operários Lisboa—Reune amanhã, 1 de março, ás 21 horas, a assembleia de delegados.

União Operaria Nacional—A comissão administrativa deste organismo vai remeter á secção regional do Norte o relatório e as conclusões da comissão Administrativa acerca da questão alimenticia e reúne na proxima quinta-feira, 4, ás 21 horas, para continuação de trabalhos.

Nucleo juventude sindicalista (Lisboa) Reuniu este nucleo em assembleia geral no pretérito dia 22. Apreciou-se a utilidade que tem para o desenvolvimento da propaganda a criação de secções dentro do Nucleo, compostos por jovens de determinadas industrias. Debateu-se largamente o problema da carestia da vida, concluindo-se que aos sindicatos, é que compete empreender tal movimento, pois os Nucleos de Juventudes são agrupamentos criados com o fim de desenvolver a propaganda filosofica dos principios revolucionarios, não lhes competindo, portanto, promover esse movimento, e aprovou-se a seguinte moção:

Considerando: Que se tem acentuado extraordinariamente o aumento no preço dos generos de alimentação pública;

Que tal aumento é provocado pela desenfreada ganancia dos especulantes, pois se tem constatado haver, açambarcada, produção sufficiente para o consumo do povo trabalhador;

Que, devido á actual situação económica, se impõe um enérgico movimento da classe proletaria, tendente a impedir que subsistam os atuais preços dos generos de alimentação;

Que os Nucleos de Juventude dos Sindicatos são agrupamentos creados com o fim unico de desenvolver a propaganda filosofica e pratica dos principios revolucionarios, insuflando na mocidade proletaria uma educação moral, tecnica e social, e, por consequente, em harmonia com os principios preconizados, estes Nucleos não devem empreender tão importante e complexo movimento, mas sim as associações organizadas de resistencia, (sindicatos operários) pois, de contrario, desampenhariam a missão dos sindicatos, o que seria contraductoramente, o *Nucleo Juventude Sindicalista de Lisboa*, reunido em assembleia geral, resolve:

Officiar á *União Operaria Nacional* e *União Local dos Sindicatos Operários de Lisboa*, propondo-lhes os seguintes meios, que se lha aduzam mais praticos, tendentes a satisfazerem as necessidades economicas do povo trabalhador.

1.º As Unições Locais de sindicatos operarios, espalhadas na região portuguesa, elaborariam estatisticas, nas quais se fixaria um preço maximo no custo dos generos alimenticios que os trabalhadores necessitam comprar, em relação com a média dos salarios autorizados nas respectivas localidades;

2.º Promover-se-hiam incessantes comícios e sessões de propaganda, nos bairros e freguezias das diversas localidades, onde, com argumentos bem documentados, se demonstraria ao povo a razão que tem em não pagar mais do que os preços estabelecidos pelas organizações operarias;

3.º Nas localidades onde não existam Unições Locaes, as associações nomeariam comissões para propaganda destas resoluções, e, onde não houvesse associações de classe, tomar-se-hiam nucleos de indivi-

duos indicados pelas organizações operarias. Para o bom exito deste movimento era indispensavel que todos estes agrupamentos estivessem em correspondência directa com o Conselho Central da *União Operaria Nacional*. Lisboa, 22 de Fevereiro de 1915.

A Comissão administrativa.

Conferências educativas

Na associação dos compositores Tipográficos de Lisboa organizou-se uma grande comissão dos bons elementos da classe com o objectivo de realizar a obra da valorização intelectual, moral e profissional do artista gráfico. Nesse proposito a comissão adoptará o método preconizado nos outros países onde esse problema já teve a solução desejada, mercê do trabalho intensivo, paciente e ordenado das corporações gráficas.

A primeira reunião dessa comissão effectuou-se no dia 12 do corrente deliberando-se começar os trabalhos pela realização duma série de conferencias de propaganda na sede social, sobre assuntos artisticos, economicos e sociais da tipografia e elucidações acerca da vida e educação official, moral literária, higiênica e profissional do artista gráfico.

A primeira conferencia devia realizar-se na noite de 23, sendo prelector o camarada sr. Tomás Fernandes, membro da comissão.

Biblioteca A VIDA

Mais uma vez lembra a todos os agentes e demais camaradas que tenham vendido folhetos e livros de que esta Biblioteca é responsavel, a brevidade de saldarem o mais breve possivel as suas contas para não ser prejudicada a sua acção de propaganda e mesmo para satisfazer os compromissos tomado com outros grupos e casas editoras.

Assim, espera que todos os individuos a quem se dirige cumpram o seu dever para bom andamento dos trabalhos e para bem da propaganda. G. M. Alves, secretario.

Correspondencia administrativa

Subscrição voluntária

Porto—Filhos da Anarquia, 507; M. J. Souza, Carmo, 2x402; N. J. Libertária, 505; T. Teixeira, M. D. Magalhães, Bento, 3x510; Grupo Verdade e Luz, 1534; Avante pela Anarquia, 509; A. P., 514; Loio (barbas) 524; Quête tirada na A. dos Pedreiros Evorenses, 545.

Ermesinde—Grupo Jovens Libertários, 13. Soma, 3393.

Assinantes

Porto—S. Barbosa, 530; A. J. de Souza, 570. **Lisboa**—M. Fernandes, 530. **Matosinhos**—V. T. T. Miranda, 520. **Gaia**—T. Teixeira, 550. **Vila do Conde**—J. A. Oliveira, 531. **Oliveira**—C. S. Nobre, Maria A. Fernandes, 2x530. Soma, 2557.

Venda de jornais

Porto Redacção, 513. **Covilhã** J. V. Ferreira, 530. **Gaia** S. Mendes, 25. **Caramujo** V. Policarpo, 1511. **Portalegre** A. Costa, 25. **Lisboa** A. A. Nunes, 560; Quisques, 2593. Soma, 9557. Total, 16516.

Despesa

Tipografia n.º 240 12510
Selos para expedição 5830
Defeito 8554

Resumo

Despesa 102544
Receita 16516

Defeito existente 86528

Correio de «A Aurora»

Almada A. Chula. Recebemos carta e liquidação. Os jornais tem ido em nome de V. Policarpo; vão agora no teu? As sobras distribui-se gratuitamente. Foi o n.º 2 de *A Vida*.

Moroforos J. A. Canha Enviaamos jornal ao novo assinante. O dinheiro da assinatura era favor manda-lo em selos ou vale, para nos pouparem trabalho.

Lisboa E Rodrigues (Filhos da Revolta) Por intermedio do A. Machado recebemos 45. Jornais pagos até ao 233. *Germinal*. Receberam a nota da liquidação? M. Fernandes. Assinatura paga até junho. A. Quintanilha. Vamos responder O E. C. tambem vai mandar carta. N. Vasco-Folhetim, para a semana.

Vagos M. F. F. d'A. Mourão Enviaamos o jornal; o pagamento é adiantado, podendo o dinheiro vir em selos ou vale do correio.

Portalegre A. Costa Os 505 que faltavam foram de desconto do vale. O que dizes não recebemos.